

A GEOGRAFIA E A QUESTÃO REGIONAL NUM CONTEXTO DE NOVAS CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS

*Anete Marília Pereira**

Resumo: Este texto foi apresentado na abertura do IX Encontro Regional de Geografia. Nele procuramos tratar de categorias de análise muito importantes para a Geografia, como é o caso do espaço, da região e do território. Tentamos repensar o nosso referencial teórico-metodológico, a nossa postura filosófica e o próprio ecletismo que caracteriza a produção geográfica contemporânea. Partimos de alguns questionamentos sobre a globalização e a questão regional, chegando à discussão das novas configurações espaciais, novas territorialidades, urbanidades e ruralidades.

Palavras-chave: geografia – espaço – região - território

Palavras iniciais

O tema que nos foi proposto na abertura do IX Encontro Regional de Geografia representa um grande desafio. Primeiro, por tratar de categorias de análise muito importantes para a Geografia, como é o caso do espaço, da região e do território. Em segundo lugar, por estarmos ainda num momento de amplas reflexões no âmbito da ciência geográfica quanto à necessidade que ela tem de abarcar conceitos tão complexos, num mundo cujas transformações se processam de forma muito rápida. Acompanhar as mudanças do atual período técnico-científico-informacional significa a desconstrução/reconstrução de idéias, valores e conceitos até então postos como adequados para explicar a realidade de determinado espaço geográfico. Significa repensar o nosso referencial teórico-metodológico, a nossa postura filosófica e o próprio ecletismo que caracteriza a produção geográfica contemporânea.

* Professora do Departamento de Geociências da UNIMONTES; Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU; Bolsista da FAPEMIG. anete.pereira@unimontes.br

Alguns questionamentos são fundamentais: como analisar o espaço em tempos de globalização? Qual a relevância dos estudos regionais quando a expansão capitalista prega um mundo cada vez mais integrado? Existe ainda uma questão regional ou a região é um conceito ultrapassado? E como abordar a categoria território, se este está, diante da compressão espaço/tempo, em constante transformação? São muitas as perguntas; e as respostas para muitas delas ainda estão no plano teórico da reflexão; mas não é nossa pretensão respondê-las. Tentaremos apenas refletir sobre as diferentes abordagens que o tema e o tempo nos possibilitam e, talvez, iremos agregar questionamentos ainda mais complexos, para serem posteriormente pensados e aprofundados. Em outras palavras, não é nossa intenção esgotar o assunto.

Dado o tempo que nos foi concedido para essa conferência, organizamos nossa exposição em dois momentos, sendo que no primeiro abordaremos a relação da geografia com a região e, em seguida, tentaremos discutir um pouco da questão regional e a configuração de novas territorialidades. Os nossos exemplos quase sempre fazem referência à região Norte de Minas, por ser ela o nosso objeto de estudo mais concreto.

Localizando os discursos sobre a geografia e a região: diferentes abordagens em diferentes temporalidades

Os pesquisadores que trabalham com a temática região, a exemplo de Lencioni (1999), Corrêa (1987; 2001) Castro (1992; 1993; 2002), Bezzi (2004), Haesbaert (1999; 2004), Gomes (1995), enfrentam o desafio de dar conteúdo teórico-conceitual a um termo que é empregado com múltiplos sentidos. Falar da complexidade e ambigüidade do conceito de região é quase sempre o ponto de partida daqueles que se empenham em compreendê-lo.

Cabe salientar que o conceito de região nunca esteve confinado à geografia, apesar dos esforços dos geógrafos para aperfeiçoar os métodos regionais. Além disso, é um termo bastante utilizado pelo senso comum. É importante lembrarmos de que a idéia de região tem uma longa história, surgiu antes mesmo da sistematização do conhecimento geográfico, ocorrido no século XIX, quando as discussões sobre a região ganharam espaço nas reflexões científicas.

Podemos mesmo afirmar que, ainda hoje, a palavra região é permeada pela polissemia e ambigüidade, bem como pelos usos distintos que ela faculta. Há o entendimento da região como unidade de gestão, de controle político, de planejamento, de administração. Também é interpretada associada à idéia de localização de um dado fenômeno, sentido esse muito usado na linguagem do senso comum. A localização de uma área, submetida a determinado domínio, é outro sentido com o qual o termo região pode ser utilizado e, ainda, como uma entidade espacial de escala mediana, uma parte entre o local e o global.

Lefèbvre (1999) mostra-nos que um conceito surge e formula-se em determinadas condições históricas e, por isso, expressa os paradigmas do pensamento científico e o contexto histórico que predominam na época de seu nascimento. Sendo assim, os conceitos de região alteraram-se de acordo com o desenvolvimento do pensamento geográfico, ou seja, cada corrente paradigmática da geografia possui sua concepção do que é região. Isso tem significado polêmicas e divergências, tanto no que tange o próprio conceito de região, quanto a sua concretude em determinado espaço. De acordo com Duarte (1980, p. 7), os conceitos sobre região evoluem e são diferentes, conforme a base teórica que se utiliza para entender a realidade com que tratamos e a abordagem metodológica que é utilizada.

Sendo assim, buscaremos, ainda que de forma bastante sucinta, resgatar um pouco dos conceitos de região que predominaram nas diferentes correntes paradigmáticas do pensamento geográfico. O conceito de região passou por diferentes linhas teóricas, “ora a serviço do poder hegemônico, ora contrapondo o conceito predominante” (Haesbaert, 1999).

De acordo com Corrêa (1995, p. 21), o termo região é derivado do latim *regio*, que se refere à unidade política-territorial em que se dividia o Império Romano. Sua raiz está no verbo *regere*, governar, o que atribui à região, em sua concepção original, uma conotação eminentemente política.

Podemos dizer que não há como falar de região sem retomar os clássicos como Vidal de La Blache, Carl Sauer e Richard Hartshorne e sem salientar que esse termo sempre esteve ligado à idéia de diferenciação de áreas. Segundo Corrêa (1987, p. 23), a região natural era entendida

como uma parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizadas pela uniformidade resultante da combinação ou integração em área dos elementos da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros adicionais que diferenciariam ainda mais cada uma destas partes.

A concepção de região, enquanto paisagem, predominou nos trabalhos dos geógrafos possibilistas, cuja base teórica estava calcada no historicismo neo-kantiano. Nessa perspectiva, a região era considerada como o resultado da transformação do espaço natural em paisagem cultural. Dada a importância que teve, a aceção de região dominou, durante muitos anos, os estudos regionais, dentre eles os brasileiros. Lencioni (1999, p. 100) ressalta que

o objeto essencial de estudo da Geografia passou a ser a região, um espaço com características físicas e socioculturais homogêneas, fruto de uma história que teceu relações que enraizaram os homens ao território e que particularizou este espaço, fazendo-o distinto dos espaços contíguos.

Já o entendimento da região, como objeto de estudo da geografia, teve em Hettner e Richard Hartshorne seus principais precursores. Segundo esses autores, caberia à geografia estudar a superfície terrestre e suas diferenças regionais. Hartshorne (1978) afirmava que a especificidade da geografia enquanto ciência era o seu método: o método regional.

Ao analisar essas tendências, consideradas clássicas ou tradicionais, Haesbaert (1999) afirma que há vários elementos comuns entre elas, como a importância dada ao específico, a continuidade espacial, a estabilidade das regiões e a relação entre a região e uma meso-escala. Por sua vez, Arrais (2003, p. 126) considera que a região era vista a partir de uma leitura da “tradição” que, em suas palavras, “impôs uma forma de pensar a região como uma construção pura e naturalizada, forjada como uma resposta para uma necessidade prática resultante da relação com a administração pública ou privada (regionalização)”.

Outra concepção de região emerge após a década de 1950, com a chamada Nova Geografia. A análise da região passa a ser feita tendo por base os pressupostos teóricos da lógica positivista, sendo entendida como uma criação abstrata, intelectual: a região classe de área, definida por Corrêa (1987, p. 32) como o “conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares”. De acordo com tal, inúmeros trabalhos foram desenvolvidos, tanto aqueles que tratavam das regiões simples (cuja divisão é produzida com base em um único critério), quanto aqueles que abordaram as regiões complexas (múltiplos fatores foram considerados no processo de regionalização), as regiões homogêneas (apresentam certo grau de homogeneidade entre seus elementos) e as regiões polarizadas ou funcionais (cuja base é a análise dos fluxos de matéria, capital e informação sobre a superfície terrestre). A metodologia empregada quase sempre utilizava a estatística descritiva, aplicando-se medida de variabilidade, análise fatorial e análise de agrupamento.

Segundo Corrêa (1995), os conceitos de região que surgiram após a década de 1970 foram organizados por Anne Gilbert em três grandes linhas de pensamento. A primeira delas entende a região como resposta aos problemas capitalistas. Essa idéia encontra respaldo na economia política. Nessa visão, os critérios de regionalização baseiam-se nos diferentes padrões de acumulação, no desigual desenvolvimento espacial, nos processos de reprodução do capital e nos processos ideológicos¹. O segundo conceito está inserido nos fundamentos da geografia humanista, na qual a região é foco de identificação, real, concreta, fruto da vivência dos grupos sociais. Já o último conceito de região apresenta uma visão política da realidade, baseada na

¹ Sobre essa concepção de região vide trabalhos de Lipiez (1996) Smith (1974) e Coraggio (1994).

idéia de que a dominação e o poder constituem fatores fundamentais na diferenciação de áreas: é a região como meio para interações sociais. De acordo com Barreira (2002, p. 78),

o que há em comum nas três vertentes é o fato de se apoiarem na idéia de que a diferenciação de áreas persiste no mundo atual. Não compartilham, portanto, da crença de que o mundo esteja se tornando homogêneo ou que as regiões estejam desaparecendo. Na verdade, elas apontam a existência de um processo contínuo de formação e transformação regional, que resulta numa dinâmica presidida por múltiplos fatores.

Com o rápido processo de globalização contemporâneo, é comum encontrarmos defensores da idéia de que o estudo regional já não faz mais sentido. Entretanto, vários autores como Haesbaert (1999), Corrêa (2001), Gomes (1995), Santos (1996), dentre outros, contestam essa posição, afirmando ser, a categoria região, ainda fundamental nos estudos geográficos. Destacam que há, na atualidade, um contínuo processo de formação e transformação das regiões, que são construções sociais resultantes da atuação de múltiplos agentes. Hoje, uma das formas de analisar uma região é apreendê-la enquanto formação socioespacial, em suas relações com a dinâmica do capitalismo. Para Santos (1999, p. 16), “a região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem. Agora, nenhum subespaço do planeta pode escapar do processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, de individualização e regionalização”.

Consideramos, portanto, fundamental explorar os diferentes sentidos que hoje permeiam o conceito de região. Lencioni (1999, p. 92) alerta-nos para o fato de que, desde as primeiras definições de Karl Ritter, cujos estudos consideravam a Terra como um todo orgânico e a região como parte desse organismo, “se procedeu aos estudos regionais com o objetivo de identificar as individualidades na totalidade: diríamos, as individualidades regionais”. Acrescenta ainda que o conceito de região está vinculado à idéia “de parte de um todo (...) por outro lado, é preciso considerar que (...) cada parte é igualmente parte de um todo, mas também se constitui numa totalidade”. Tal idéia remete-nos à concepção da dialética da totalidade, considerando-a “uma totalidade aberta e em movimento” (LENCIONI, 1999, p. 28), de forma que mantenha suas relações com outras totalidades igualmente abertas.

Muller (2001, p.11) considera que “para adquirir utilidade científica, a categoria região deve ser submetida a uma recomposição. Deve ser atualizada”. Sugere a incorporação de novas noções a esse conceito, tais como rede, infovias e espaço virtual, que resulte numa definição atualizada de região. Nessa perspectiva, a região pode ser vista como uma escala da territorialidade², uma escala de poder, de controle, de estratégias.

² A respeito da territorialidade vide Haesbaert (2004).

Independentemente dos elementos considerados na elaboração do conceito de região, Gomes (1995) ressalta o fato de a região ser sempre uma reflexão política de base territorial, que põe em jogo um conjunto de interesses identificados com determinadas áreas e, por fim, o de colocar sempre em discussão os limites da autonomia em relação a um poder central. Concordamos com essa idéia, pois entendemos que o conceito de região tem um forte caráter político e ideológico. Não há como negar o papel do Estado, da forma como organiza os recortes regionais, quase sempre sob a égide do poder e do capital.

Bezzi (2004, p. 20) fala-nos da importância dos estudos regionais na atualidade, salientando que “o conhecimento da dinâmica regional permite conceber a região como sucessão de estruturas e processos que, ao se modificarem no tempo, alteram as funções de formas passadas, recriando-as e criando novas formas regionais”.

Sendo assim, mesmo no mundo globalizado, não há como descartar os estudos sobre a região. Ao contrário, é necessário buscar a construção de um conceito que permita analisar as particularidades de determinados espaços, em sua realidade atual, sem esquecer que qualquer que seja a região, ela faz parte de uma totalidade com a qual interage. Mas poderíamos dizer que no mundo hodierno, marcado por numa dinâmica constante de transformações locais, regionais, nacionais e internacionais³, existe uma questão regional? Como estudar a região e as novas questões postas pela globalização? Vamos comentar, ainda que de forma sucinta, essa temática.

A globalização e as novas configurações espaciais do capitalismo

O processo de globalização é entendido como a atual fase de expansão do capitalismo no mundo. Entretanto, é preciso considerar que as três principais dimensões da globalização — trocas internacionais de bens e serviços, os fluxos de investimento direto e a circulação de capitais — coexistem pelo menos desde o século XVI. O que torna o período atual diferente é a proporção em que essas dimensões se combinam. As tecnologias de informação e comunicação possibilitaram novas espacialidades, uma vez que através delas temos o acesso à informação, mas também a descentralização das atividades e serviços. Nessa perspectiva, as novas configurações das relações entre capital e trabalho têm reflexos espaciais, o que nos permite falar em novas espacialidades, novas territorialidades, novas ruralidades e novas urbanidades.

Compreender uma determinada região, como parte da espacialidade do capitalismo contemporâneo, remete-nos a observar as relações de poder, o exercício da hegemonia e a dialética entre o local, o regional, o nacional e o global. Em outras palavras,

³ Sobre esse assunto, vide Ribeiro (2004).

implica entender as intrincadas formas de produção do espaço, manifestadas no território. Concordamos com as palavras de Santos quando ele afirma que

uma geografia sem território é uma contradição que ajuda a explicar a ausência cada vez maior (sic) dessa categoria de análise e debate aprofundado da nação. Isso constitui para o país um retrocesso, e para a disciplina geográfica pode equivaler a uma espécie de suicídio. Se os geógrafos se ausentam do debate sobre o território, há um empobrecimento paralelo das ciências políticas, da sociologia e da interpretação histórica, e, no plano prático, um empobrecimento também da própria vida política da nação. Felizmente, uma forte reação se esboça nos meios acadêmicos, mas igualmente nos meios políticos, e desse modo podemos esperar que o território, essa realidade esquecida, seja retomado, evitando o enfraquecimento de uma das ópticas sem a qual a visão de mundo, dos países, dos lugares, é incompleta e até mesmo irreal. (SANTOS, 2004, p. 34; 116-117).

Nesse sentido, a retomada dos estudos sobre o território, ora privilegiando um uso mais funcional ora um mais simbólico, tem repercutido de forma positiva no aprofundamento das reflexões sobre o espaço geográfico. Por isso, consideramos relevante retomar o conceito de território, aqui entendido como

extensão apropriada e usada. (...) O uso do território pode ser definido pela implantação de infra-estruturas, para as quais estamos igualmente utilizando a denominação sistemas de engenharia, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade. São os movimentos da população, a distribuição da agricultura, da indústria e dos serviços, o arcabouço normativo, incluídas a legislação civil, fiscal e financeira, que, juntamente com o alcance e a extensão da cidadania, configuram as funções do novo espaço geográfico. (SANTOS E SILVEIRA, 2001, p.19;21;247)

Os autores supracitados chamam a atenção para o fato de que a análise dos usos do território pode ser feita pelo viés do poder do Estado, numa perspectiva clássica ou por enfoques integrados à lógica geral do desenvolvimento do capitalismo, sob a ótica dos múltiplos territórios e as múltiplas territorialidades. Com isso, procura-se entender também o contexto regional.

De acordo com Haesbaert (2004), alguns grupos mais privilegiados usufruem de uma multiplicidade de territórios, seja no sentido da sua sobreposição num mesmo local, seja pela sua conexão através de rede com outros lugares do mundo. Um exemplo, na nossa região, que poderia caracterizar essa situação pode ser encontrado no caso dos investidores estrangeiros que possuem fazendas, empresas e casas em Montes Claros, mas mantém relações ou mesmo residências em outros países, experimentando múltiplas territorialidades, contrastando com a maioria dos trabalhadores locais, que nem moradia, uma necessidade básica, possui. A respeito dessa situação, Haesbaert (2004, p. 360) considera que

enquanto uma elite globalizada tem a opção de escolher entre os territórios que

melhor lhe aprouver, vivenciando efetivamente uma multiterritorialidade, outros, na base da pirâmide social, não têm sequer a opção do “primeiro” território, o território como abrigo, fundamento mínimo de sua reprodução física cotidiana.

Para finalizar, sem a pretensão de esgotar o debate, observamos que, a partir da globalização, poderá ocorrer a formação de novos padrões de localização das atividades econômicas e, conseqüentemente, alterar as territorialidades existentes. Sabemos também que o maior ou menor sucesso das diferentes regiões está ligado a processos sociopolíticos específicos, resultando em “regiões que ganham” e “regiões que perdem”.

Uma região começa a se destacar a partir do momento em que ela se vincula ao resto do mundo. Além disso, os parâmetros institucionais e o quadro social da região também são determinantes das trajetórias que a região poderá vir a seguir. As regiões detentoras de uma classe empresarial mais empreendedora, políticos identificados com o território, uma sociedade civil mais atuante, terão maiores possibilidades de negociarem melhor suas aspirações dentro do jogo político nacional. Ferrão (1996, p. 97-104) fala na *região inteligente*, ressaltando que “as regiões devem adotar a capacidade coletiva de produzir, acumular e consumir informação e conhecimento como preocupação estratégica se quiserem construir vantagens sustentadas num mundo em crescente globalização.”

Considerando tantas mudanças no mundo atual, podemos, ainda, acrescentar a emergência de novas ruralidades e novas urbanidades, dadas as modificações que têm ocorrido no campo e na cidade. Antes estudados com base na dicotomia existente entre eles ou nas suas funções fielmente delimitadas, a cidade e o campo encontram-se integrados de tal forma, que esses limiares não mais dão conta de explicar a complexidade de suas relações. Por isso, estão surgindo novos debates teóricos que procuram compreender o rural e o urbano sob outras abordagens. Assim, o chamado “novo rural” agrega atividades de produção diferentes das até então analisadas. Surgem novas modalidades de trabalho ligadas à tecnologia e ao geoprocessamento; o turismo rural; áreas de lazer, como os “pesque-pague”; formas de consumo até então típicas do urbano; dentre outras. Tais mudanças permitem falar em “novas ruralidades”. Da mesma forma, a cidade também passa por transformações: a tentativa de resgate do contato com a natureza; a revitalização de atividades folclóricas, ligadas à cultura regional ou local; a realização das exposições agropecuárias; as festas *country*; dentre outros. Como o nosso tempo já está se esgotando, não nos aprofundaremos nesta temática. Ressaltamos que essas questões são discutidas de forma mais detalhada por Ferrão (2000), Alentejano (2003), Marques (2002), Carneiro (2001), dentre outros autores.

Para concluir

Mais do que indicar um pensamento acabado, apresentamos aqui articulações de diferentes percepções acerca da Geografia, da questão regional e do território, temas que são passíveis de múltiplas abordagens. Procuramos mais que repetir definições teóricas produzidas ao longo dos anos, suscitar questionamentos e reflexões que apontam novas possibilidades de interlocução, sobretudo aquelas ligadas à nossa realidade regional. Autores diversos foram utilizados na tentativa de clarificar alguns conceitos. Entretanto, a nossa preocupação esteve centrada na importância de, mesmo em tempos de globalização, se estudar a categoria região. Sendo um espaço historicamente construído, ordenado e transformado por diferentes atores, motivados por interesses muitas vezes conflituosos, uma região pode comportar diferentes territorialidades; e há que se perceber os espaços, tempos e funções que ela abriga em sua conexão com o mundo.

Résumé : Ce texte a été présenté dans l'ouverture de la IX Rencontre Régionale de Géographie. Dans lui nous cherchons à traiter de catégories d'analyse très importantes pour la Géographie, comme c'est le cas de l'espace, de la région et du territoire. Nous essayons de repenser notre référentiel teórico-metodológico, notre position philosophique et éclectisme lui-même lequel caractérise la production géographique contemporain. Nous partons de quelques questionnements sur la globalisation et la question régionale, arrivant discussion des nouvelles configurations spatiales, nouvelles territorialités, urbanités et ruralités.

Mots-clé: géographie – espace – región - territoire

Referências

ALENTEJANO, P. R. R. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**, ano 19, v. 2, n. 21, São Paulo, jul./dez, 2003, p. 25-39.

ANDRADE, M. C. A. região como unidade dinâmica. Posição dos Geógrafos e economistas ante o problema regional. In: ANDRADE, M. C. de. **Espaço, polarização e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1973, 31-45.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo-Recife: Hucitec/Ipespe, 1995.

ARRAIS, T. P. A Regiões puras e impuras: uma breve reflexão sobre as naturalizações da região na Geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano V, n. 10, 2003, p. 125-134.

BARREIRA, C. C. M. A. **Vão do Paraná, a estruturação de uma região**. Brasília: Ministério da integração nacional: UFG, 2002.

BEZZI, M. L. Região como foco de identidade cultural. **Geografia**, Rio Claro, v. 27, abril, 2002, p. 5-19.

_____. **Região**: Uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas. Santa Maria: Editora da UFSM, 2004

BOURDIEU, P. Identidade e representação, elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand. 1989. p. 101-122.

CARNEIRO, Maria José. Do rural e do urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade (versão preliminar). **II Seminário sobre o rural brasileiro**: a dinâmica das atividades agrícolas e não agrícolas no novo rural brasileiro. Campinas: NEA/Instituto de Economia da UNICAMP, 2001. 16p. (texto 7)

Castro, Iná Elias de. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1992.

_____. Problemas e alternativas metodológicas para a região e para o lugar. In: SOUZA, M.A. et al. (Org.). **Natureza e sociedade hoje**: uma leitura geográfica. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1993, p. 56-63.

_____. “A região como problema para Milton Santos”. In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. **Scripta Nova**. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo, Ática, 1987.

_____. Região: globalização, pluralidade e persistência conceitual. In: 5ª Congresso brasileiro de Geógrafos. Curitiba 17 a 22 de julho de 1994. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994.

_____. Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira. Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, maio, 2001. **Anais....** Rio de Janeiro, 2001, p. 424-430.

_____. A urbanização nas áreas de cerrado: algumas considerações. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia: Edufu, ano 7, n.13/14, jan./dez.1995, p. 147-150.

DUARTE, A. C. Regionalização - Considerações Metodológicas. **Boletim de Geografia Teórica**. Nº 10, Rio Claro, 1980.

EGLER, C. A. G. - A questão regional e a gestão do território no Brasil. In: CASTRO, GOMES E CORRÊA. **Geografia: Conceito e temas**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995.

FERRÃO, João. Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro. **EURE** v. 26, n. 78, Santiago, set. 2000.

_____. (1996). Educação, sociedade cognitiva e regiões inteligentes. **Inforgeo**, nº 11, APG, pp. 97/104.

GOMES, P. C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C. e CORRÊA, R. L. (org). **Geografia conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, E. T. A. Agendando velhos reencontros; relações entre os humanos e a natureza nos espaços socialmente produzidos. SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org) **Urbanização e cidades: Perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: (s.n), 2001.

HAESBAERT, Rogério. **Região, diversidade territorial e globalização**. Geographia. Niterói, ano 1, n. 1, UFF/EGE, jun. 1999, p. 15-40.

_____. Regiões transfronteiriças e redes “brasileiras” no Mercosul. 8º Encontro de Geógrafos da América Latina. Santiago, Chile. 04 a 10 de março de 2001. **Anais ...** p.277-285

_____. Morte e vida da região. In: SPOSITO, E. S. (Org.) **Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática**. Presidente Prudente: Unesp, 2005.

_____. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. In: 5ª Congresso brasileiro de Geógrafos. Curitiba 17 a 22 de julho de 1994. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E.; e MOREIRA, R. **Brasil século XXI: por uma nova regionalização? Agentes, processos e escalas**. São Paulo: Max Limonad, 2004.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.

HARVEY, D. **A condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LAVINAS, Lena. (org) **Integração, região e regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP,1999.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 178p.

LIMONAD, E. Brasil século XXI, regionalizar para que? Para quem? In: LIMONAD, E.; HAESBAERT, R. E MOREIRA, R. **Brasil século XXI: por uma nova regionalização? Agentes, processos e escalas**. São Paulo: Max Limonad, 2004. p. 54-66.

MARKUSEN, Ann. Região e regionalismo. Um enfoque marxista. **Espaço e Debates**, São Paulo, 1(2), 1981, p. 63-100.

MARQUES, Maria Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, n. 19, jul-dez. 2002.

_____. Que rural é esse? Uma reflexão sobre o significado do rural na sociedade capitalista. In: Encontro Nacional de Geógrafos, XIII, 2002, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: AGB, 2002. 8p. 1 CDROM.

MEDEIROS, M. C. Transformações recentes na análise regional em Geografia. **Formação**. Presidente Prudente, n. 9, v. 1, 2002.

MULLER, Geraldo. Região uma unidade escalar da globalização. **OLAM – Ciência e tecnologia**. Rio Claro, v.1, n.1, ago./2001.

PEREIRA, A. M., SOARES, B. R. Montes Claros e sua região: Novas espacialidades, velhos problemas In: X Encontro de geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2005. 1 CD-ROM.

SANTOS, Milton. O retorno do território In: Santos, Milton et al. (Org.). **Território: Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p. 15-28.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo/razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. 308p.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Território**, Rio de Janeiro: Garamond, ano IV, n.6, jan./jun.1999, p. 5-20.

_____. **Testamento intelectual**. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471p.